

INTRODUÇÃO A PLATÃO

Coleção CÁTEDRA

Coordenação: Gabriele Cornelli

- *Platão: a construção do conhecimento*, José Gabriel Trindade Santos
- *Introdução à “filosofia pré-socrática”*, André Laks
- *A filosofia antes de Sócrates: uma introdução com textos e comentário*, Richard D. McKirahan
- *Filon de Alexandria*, Francesca Calabi
- *Introdução à filosofia do mito*, Luc Brisson
- *A ética dos antigos*, Mario Vegetti
- *O diálogo socrático*, Livio Rossetti
- *Aristóteles*, Carlo Natali
- *Parmênides: o não ser como contradição*, Nicola Stefano Galgano
- *Metamorfoses da dialética nos diálogos de Platão*, Monique Dixsaut
- *Introdução a Platão*, Franco Ferrari

FRANCO FERRARI

Introdução a Platão

Tradução: André da Paz



© 2018 by Società editrice il Mulino, Bologna

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Sílvia Ribas*

Coordenação editorial: *Claudio Avelino dos Santos*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Produção editorial: *AGWM Produções Editoriais*

Coordenação de arte: *Danilo Alves Lima*

Capa: *Gustavo Gomes*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ferrari, Franco

Introdução a Platão / Franco Ferrari; tradução de André da Paz. — São Paulo: Paulus, 2022.

Coleção Cátedra.

ISBN 978-65-5562-498-4

Título original: *Introduzione a Platone*

1. Filosofia antiga 2. Platão I. Título II. Paz, André da III. Série

22-1125

CDD 184

CDU 1

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia antiga; 2. Platão; 3. Estudos clássicos



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televentas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-498-4

SUMÁRIO

I. VIDA E OBRA	7
1. Vida	7
1.1. As fontes	7
1.2. A família, a juventude e as viagens	9
1.3. A fundação da Academia e a primeira viagem à Sicília	11
1.4. A segunda e terceira viagem a Siracusa e os últimos anos.....	13
2. Obra	14
2.1. A classificação dos diálogos	14
2.2. O diálogo: as razões dessa escolha	18
2.3. A crítica à escrita e a escritura da filosofia	23
2.4. As doutrinas não escritas	27
II. O ESPAÇO FILOSÓFICO: O MESTRE E OS RIVAIS	31
1. O desafio dos sofistas	31
1.1. O relativismo dos valores e a questão da verdade.....	31
1.2. A relação entre <i>physis</i> e <i>nomos</i> e o papel da política	34
2. Sócrates: o primado da razão	38
2.1. A centralidade da alma	38
2.2. A verdadeira política.....	45
2.3. O universal e o tema da aquisição dos saberes.....	51
III. O HOMEM JUSTO NA CIDADE JUSTA	55
1. Em busca da justiça	55
1.1. Antropologia problemática: o modelo contratualista	55
1.2. Antropologia cooperativa: o nascimento da cidade e a origem de seus males	57
2. A alma e a cidade	61
2.1. O isoformismo (imperfeito) entre microcosmo e macrocosmo.....	61
2.2. Em direção da <i>kallipolis</i> : as três ondas	67
2.3. A degeneração da cidade: da <i>kallipolis</i> à tirania	71
3. A filosofia política depois de <i>República</i>	74
3.1. A técnica política e o padrão de medida situacional	74
3.2. A função indireta das leis	78
IV. O SABER DO FILÓSOFO	83
1. O filósofo platônico	83
1.1. A natureza erótico-tensional da filosofia.....	83
1.2. Ser e devir, conhecimento e opinião	85
2. As ideias e os fenômenos	91
2.1. Dois gêneros de entes	91
2.2. A relação elusiva: participação, imitação, presença e comunicação ..	94
2.3. Aporias contraditórias	97
3. A alma e o conhecimento	103
3.1. O conceito de <i>anamnesis</i> e <i>syngeneia</i> entre a alma e as ideias	103
3.2. A transição epistêmica: da opinião (verdadeira) ao conhecimento ...	110

V. A DIALÉTICA	115
1. A hierarquia dos saberes	115
1.1. Formas de racionalidade: <i>dianoia</i> e <i>noesis</i>	115
1.2. A ideia do Bem	121
2. A estrutura do mundo inteligível	126
2.1. Os <i>megista gene</i> e a articulação da esfera inteligível	126
2.2. O verdadeiro e o falso	135
2.3. O “presente dos deuses”: limitado e ilimitado	137
2.4. A teoria dos princípios	141
VI. OS MECANISMOS DA PERSUASÃO	145
1. O mito	145
1.1. A crítica à mitologia tradicional e a exigência de uma nova <i>mitopoiesis</i>	145
1.2. A formação do consenso: a mitologia política	149
1.3. A imortalidade da alma: os mitos da vida após a morte	152
1.4. A alegoria da caverna.....	156
2. A <i>paideia</i>	161
2.1. A crítica à poesia ao conceito de <i>mimesis</i>	161
2.2. A educação na cidade	166
2.3. A retórica	169
2.4. A religião	171
2.5. Eros	174
VII. O UNIVERSO E O HOMEM	179
1. A estrutura do cosmo	179
1.1. O discurso verossímil e a geração do universo	179
1.2. As operações do intelecto	184
1.3. A necessidade	191
2. O homem e seu lugar no universo	197
2.1. Alma e corpo	197
2.2. A classificação dos prazeres	200
2.3. A semelhança ao divino e a imortalização do filósofo	204
VIII. A PRIMEIRA ACADEMIA	209
1. Ideias e princípios	210
2. Cosmologia: a interpretação de <i>Timeu</i>	215
3. Ética	217
ABREVIATURAS DAS OBRAS DE PLATÃO	219
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	221
ÍNDICE DOS NOMES	241

1. VIDA

1.1. As fontes

As principais fontes antigas que trazem informações relativamente extensas sobre a vida de Platão situam-se entre os séculos II e VI d.C.; elas datam, portanto, a uma época já bastante distante daquela em que viveu o filósofo. A mais antiga é do autor latino Apuleio (século II), que em *Sobre Platão e seus ensinamentos* introduz a biografia de Platão por meio de uma exposição de suas principais doutrinas. A importante biografia no Livro III de *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, de Diógenes Laércio, do século III, é a mais rica em termos de quantidade de informações. Depois dessas obras, temos dois testemunhos muito tardios, intimamente relacionados entre si: a introdução do *Comentário ao Alcibiades I*, do filósofo neoplatônico Olimpiodoro, e a primeira parte dos *Prolegômenos à filosofia de Platão* (1, 15-6, 28), escrita por um autor anônimo do século VI, que pertence, como Olimpiodoro, à escola alexandrina.

Em todos esses documentos há informações biográficas mais ou menos confiáveis, anedotas de credibilidade duvidosa e narrativas quase lendárias, como aquela sobre a fecundação da mãe de Platão realizada por Apolo, muito comuns à tendência de divinização de Platão, que percorreu parte significativa da literatura antiga, pelo menos daquela mais alinhada

a Platão. É muito importante ter em mente que as biografias mencionadas não são independentes umas das outras, mas reproduzem os mesmos *topoi*, ou seja, os mesmos padrões. Tudo isso significa que suas informações devem ser avaliadas com cautela, sempre levando em consideração a tendência das biografias antigas, de transformar possíveis influências ou proximidades teóricas em acontecimentos históricos (por exemplo, uma influência filosófica do autor A em relação ao autor B muitas vezes toma a forma de uma associação realmente verdadeira, até mesmo nos moldes de uma relação de discípulo e mestre de B por A).

Além das fontes mencionadas acima, a reconstrução da vida de Platão pode ser obtida por meio de outros documentos relevantes. O mais expressivo deles é a seção (auto)biográfica da *Carta VII*, em que o autor – que seja Platão ou menos – reconstrói de modo muito fiel os eventos da vida política ateniense entre o final do século V e o início do IV (incluindo o julgamento de Sócrates) e sobretudo as viagens de Platão a Siracusa. Outra importante fonte de informações está na primeira parte da *História da Academia*, do epicurista Filodemo de Gádara (século I a.C.). Muito ricos, embora pouco confiáveis, são os relatos anedóticos sobre Platão, não raro provenientes de fontes preconceituosas e hostis ao filósofo.

As obras de Platão, pelo contrário, são extremamente escassas de informações sobre a vida do próprio autor. Platão menciona a si mesmo somente em duas ocasiões, para indicar a própria presença no julgamento contra Sócrates (*Apol.* 34a, 38b) e a ausência da prisão durante as horas que precederam a morte do mestre, por estar doente (*Phd.* 59b). Outros diálogos mencionam alguns membros da família de Platão, ocasionalmente fazendo parte do “círculo dialógico” encenado nos textos platônicos (por exemplo, Adimanto e Gláucon, meios-irmãos de Platão e interlocutores de Sócrates em *República*, ou Cármides e Crítias, respectivamente tio de Platão e primo de sua mãe, ambos protagonistas do *Cármides*).

1.2. A família, a juventude e as viagens

Platão tem o nome com que é universalmente conhecido pela largura de seu corpo (*platys* significa “largo”), alternativamente, segundo outras explicações menos prováveis, o tamanho da testa ou a grandeza de seu estilo literário. O nome que lhe foi dado no nascimento, Aristocles, era o do avô paterno. Platão nasceu em uma das famílias mais importantes de Atenas nas últimas décadas do século V. Seu pai, Ariston, ostentava uma árvore genealógica que remetia a Codro, o lendário último rei de Atenas; a família da mãe, Perictíone, tinha Sólon entre seus antepassados, o grande legislador do início do século VI. Muitos membros de sua família desempenharam um papel importante na vida ateniense da segunda parte do século V, tanto entre os oligarcas (Cármides e Crítias fizeram parte da Tirania dos Trinta que governaram Atenas com ferocidade nos anos de 404 a 403) quanto entre os democratas (Pirilampo, com quem a mãe de Platão casou-se pela segunda vez, fazia parte do círculo de Péricles).

As fontes antigas datam o nascimento de Platão ao primeiro ano da 88ª Olimpíada (que corresponde a 428/427 a.C.). Ele teria nascido, portanto, no fim de uma longa hegemonia de Péricles na vida política ateniense e no início da Guerra do Peloponesso, que acompanhou as primeiras décadas da sua vida (431-404). Entretanto, não se pode deixar de lado o fato de as biografias antigas terem tentado atribuir a Platão uma vida de 81 anos (ele morreu certamente em 347, no primeiro ano da 108ª Olimpíada), que é um número sagrado para Apolo (essa razão é evidente em *Prol.* 6, 1-9). Uma suspeita parecida levou alguns estudiosos a adiarem o nascimento do filósofo por alguns anos (424/423). Trata-se de uma hipótese que traz alguns problemas de compatibilidade e nos força a adiar a data de alguns eventos, como a fundação da Academia, mas que, em geral, não parece completamente infundada.

Platão nasceu em Atenas ou em Egina, onde seu pai deve ter ocupado uma posição institucional em nome de sua cidade.

Há poucas informações sobre sua juventude e sobre sua formação. Ele provavelmente recebeu a típica educação dos filhos das famílias mais importantes: frequentou uma escola primária, teve uma aprendizagem no campo da música e praticou uma forma mais ou menos institucionalizada de luta e outros tipos de atividade esportiva. Sua formação cultural e literária proporcionou certamente o conhecimento de Homero e Hesíodo, dos poetas líricos e trágicos. Certa paixão pela poesia confirma-se pela composição de 32 epigramas e de textos poéticos, embora as fontes não sejam totalmente confiáveis a respeito disso.

Não há dúvida de que o evento decisivo para a formação e para a própria vida de Platão foi o encontro com Sócrates, após 410 a.C. Mais ou menos no mesmo período, Platão talvez tenha entrado em contato com o heraclitiano Crátilo, por meio do qual desenvolveu a convicção de que as coisas sensíveis estão sujeitas a um incessante fluxo que as torna incognoscíveis (cf. cap. 4, § 2.1.).

O julgamento de Sócrates e sua condenação à morte tiveram efeitos traumáticos sobre o jovem Platão. Ele desenvolveu um profundo desprezo pela política ateniense, tanto pela oligarquia, reprovada por causa do terrível governo dos Trinta, quanto pela democracia, culpada pela condenação de seu mestre (*Ep.* VII 324c-326a). Bem como outros membros do círculo socrático, Platão deixou Atenas, temendo tornar-se vítima do clima hostil que surgiu após o julgamento de Sócrates. Provavelmente fugiu para Mégara com Euclides, um dos socráticos mais importantes. As fontes antigas relatam que, em seguida, ele ficou em Cirene, na Ásia Menor, com Teodoro, um geômetra a que Platão atribuirá um papel importante no *Teeteto*. Notícias sobre estadias no sul da Itália e no Egito parecem menos confiáveis, podendo ser fruto da tendência de transformar uma influência em um dado histórico e biográfico.

Platão retornou a Atenas na segunda parte dos anos 90 do século IV. Em Atenas, ele participou ativamente do debate sobre a figura de Sócrates e sobre seu legado, que envolveu grandes setores da intelectualidade da época. A *Apologia* e o *Crítion* valorizaram

o comportamento de Sócrates durante e depois do julgamento e definem a imagem de Sócrates em relação à cidade. Diálogos como *Íon*, *Hípias Maior*, *Hípias Menor* e o *Protágoras* devem ter sido compostos nesse período, diálogos em que há a contraposição entre a postura metodológica e ética de Sócrates e a dos sofistas.

1.3. A fundação da Academia e a primeira viagem à Sicília

Dois eventos importantes para a vida de Platão ocorreram na segunda década do século IV: a fundação da Academia e a primeira viagem para a Magna Grécia e, em particular, à Sicília. É provável que a estada na Itália tenha ocorrido antes da fundação da Academia, embora isso não possa ser considerado seguro. De qualquer modo, os dois eventos devem ser colocados na primeira parte da década (389-385).

No sul da Itália, Platão visitou Lócris, onde entrou em contato com alguns importantes pitagóricos, entre os quais Árcitas de Tarento. Mas a etapa mais importante de sua viagem foi sem dúvida Siracusa, então um dos centros mais prósperos do Mediterrâneo. Em Siracusa, reinava o tirano Dionísio I, que Platão tentou, sem sucesso, converter à filosofia. Platão também conheceu o sobrinho do tirano, Díon, que desempenhou um papel central nos eventos vividos por Platão em Siracusa. De qualquer modo, a relação entre Platão e o tirano logo se deteriorou, também devido ao estilo de vida desregrado deste último e de sua corte, obrigando o filósofo a abandonar Siracusa. Durante a viagem de volta, é possível que tenha sido feito prisioneiro e escravo, para ser em seguida resgatado e retornar a Atenas possivelmente em meados da mesma década.

Em Atenas, Platão adquiriu um terreno na área noroeste da cidade, a cerca de um quilômetro e meio das muralhas, junto do bosque que levou o nome do herói Academo, local em que abriu a escola chamada *Academia*. As opiniões dos estudiosos divergem consideravelmente sobre a natureza dessa instituição. Nela, provavelmente confluíram elementos que nós estamos acostumados a

considerar inconciliáveis. De fato, a Academia apresentava-se como uma instituição em que havia certo elemento religioso, embora hoje não pareça ser mais sustentável a hipótese de ela constituir-se, num plano normativo, como uma associação dedicada ao culto das Musas, ou seja, como um *thiasos*; em todo caso, nela regularmente eram realizadas celebrações ligadas ao culto de Apolo. Além disso, a Academia foi por muito tempo uma espécie de escola de formação política, isto é, um centro em que Platão propunha-se a formar os futuros filósofos rei. E assim também foi considerada fora de Atenas, se levarmos em consideração a influência que seus membros exerceram na vida política de numerosas cidades gregas. Por fim, a Academia caracterizou-se por ser uma instituição filosófico-científica, em que se alternavam o ensinamento e a pesquisa nos mais diversos campos do saber (matemática, astronomia, botânica, lógica, dialética, física etc.). Desse ponto de vista, a Academia foi um centro de atração para jovens de toda a Grécia, os quais se dirigiram a Atenas para ter acesso a uma *paideia* de alto nível. A principal fonte de sustento dessa escola advinha da riqueza privada do fundador, mas também os estudantes podiam voluntariamente contribuir, e não faltavam doações de amigos e admiradores de Platão.

Por múltiplos aspectos, a Academia platônica entrou em competição com a escola de Isócrates. Diferentemente deste último, Platão promoveu uma formação de alto nível filosófico-científico, opondo-se à postura marcadamente retórica da escola de seu rival. As duas escolas disputaram ao longo de algumas décadas a hegemonia cultural e a pretensão de formar a classe dirigente ateniense.

A composição de diálogos como *Górgias* e *Mênon*, e provavelmente o esboço de uma primeira versão de *República*, provavelmente foi levada a efeito no período da fundação da Academia ou nos anos imediatamente anteriores à sua criação. Nos anos seguintes desenvolveu os diálogos do período central, a saber, *Fédon*, *Banquete*, *Crátilo*, *Fedro* e, talvez, o *Parmênides* (que parte influente dos estudiosos tende a considerar muito tardio).